

## Maracatu cearense: entre ancestralidades e apelos contemporâneos<sup>1</sup>

José Clerton de Oliveira Martins

Doutor em Psicologia pela Universitat de Barcelona (Espanha).

Pós-doutorado CAPES 2005-2006 (Universidad de Deusto, Espanha, Instituto de Estudos do Ócio.

Professor Efetivo da Universidade de Fortaleza - Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

**Resumo:** Este trabalho nasce do intento de entender, via explicação do sujeito brincante do maracatu do Ceará, como ele se diz ter “transformado-se” em brincante de maracatu. Também era interesse, buscar relatos de como estes explicam a dança demarcada em seu corpo. Sobretudo nestes tempos que os colocam entre os pertencimentos de ser o que são e os apelos de uma contemporaneidade que se revela complexa por suas características tais como hiperconsumista, apressada, líquida e afetada fortemente, pelos apelos da imagem do espetáculo. Para isso, buscou-se métodos que favorecessem o conhecimento do lócus onde se insere o brincante e assim privilegiar seu discurso na forma de explicar para se entender a manifestação da qual é portador. Desta forma, tomamos a etnografia na perspectiva de Baztan (1993) para coleta de dados, apoiada na entrevista narrativa com uso de registro em foto e vídeo, com análise dos dados a partir dos direcionamentos pelas práticas discursivas na perspectiva de Spink (2010). Ao final do estudo infere-se que o maracatu cearense segue os apelos do meio consumista que transforma tradição em consumo, mas na possibilidade da atuação impregnada de pertencimentos, permite a expressão mais original de seus brincantes.

**Palavras-chave:** Maracatu cearense, brincante, tradição; carnaval.

### Introdução

Este relato de pesquisa nasce do intento de entender, via explicação do sujeito brincante do maracatu do Ceará, como ele se diz ter “transformado-se” em brincante de maracatu. Também era interesse, buscar relatos de como estes explicam a dança demarcada em seu corpo. Sobretudo nestes tempos que os colocam entre os pertencimentos de ser o que são, e os apelos de uma contemporaneidade que se revela complexa por suas características tais como hiperconsumista, apressada, líquida. Para isso, buscou-se métodos que favorecessem o conhecimento do lócus onde se insere o brincante e assim privilegiar seu discurso na forma de explicar para se entender a manifestação da qual é portador. Desta forma optei pela etnografia na perspectiva de Baztan (1993) para coleta de dados, apoiada na entrevista narrativa com uso de registro em foto e vídeo, com análise dos dados a partir dos direcionamentos pelas práticas discursivas na perspectiva de Spink (2010). Do estudo apresenta-se ao final dados que expressam a representação do maracatu para seus brincantes, assim como aspectos da expressão em Fortaleza-CE.

---

<sup>1</sup> A pesquisa que deu origem a este texto foi amparada pelo edital das Artes de 2010 do Governo do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

O trabalho que ora relatamos, se apresenta dividido em partes onde no primeiro momento temos no item número 1, situamos o Maracatu de Fortaleza, seus lugares e sujeitos, no item número 2, os brincantes sujeitos desta pesquisa, no item de número 3, a partir de entrevista com pesquisadores que também se tornaram brincantes ou, interagem em seus labores com estes personagens, falamos com sobre o “elaborar-se” brincante de Maracatu em Fortaleza/Ceará. Explora-se no texto a condição de brincante frente a gestão descaracterizadora do carnaval de rua da cidade, que institui regras, delimita espaços e organiza o carnaval das tradições sob uma lógica do carnaval espetacularizado dos grande patrocinadores, e o enfrentamento dos brincantes a esta condição. Por ultimo apresentamos as considerações finais sobre o estudo, as fontes orais utilizadas, as referências.

Neste estudo, compreende-se que perspectiva do brincante/sujeito da expressão, ou o que o povo sabe sobre si se e sobre suas elaborações é onde reside o verdadeiro sentido da expressão.

### **1. O Maracatu de Fortaleza: seus lugares e sujeitos.**

O que é Maracatu, no Ceará, na cidade de Fortaleza?

Ao buscarmos respostas na produção recente vamos encontrar repostas como por exemplo, tratar-se de uma importação do Recife/PE, ou ainda como algo desconhecido no processo histórico cearense, atrelando à manifestação pouca significação para âmbito local. Tais falácias se reverberam a partir das vozes que acreditam no discurso que diz que no Ceará “quase não existe influência negra em sua cultura”, revelando certo desconhecimento da elaboração social deste rincão brasileiro, tão negro quanto qualquer outro do nordeste.

Em “ Vamos maracatucá!” um estudo sobre os maracatus de Fortaleza, dissertação de mestrado da UFPE, de Ana Claudia Rodrigues da Silva (2004) encontramos que ,

O maracatu cearense é uma tradição cultural que representa um cortejo real em homenagem aos reis africanos. É uma manifestação que engloba dança, música e teatro, os maracatus desfilam no carnaval de rua de Fortaleza com grande imponência. Fazendo parte do cortejo, vamos encontrar as figuras ou personagens compondo o enredo do maracatu. Esses personagens ficam distribuídos em cordões ou alas (2004:53).

Na possibilidade apresentada acima, observa-se a consideração da manifestação tomada como manifestação cultural e sua alusão aos Reis da África. Tratando-se assim de relação de mais aprofundamento e de uma manifestação que se apresenta cheia de símbolos e representação, revelando sua importância para a cidade de Fortaleza.

Estas são apenas duas possibilidades de respostas que podemos encontrar caso resolvemos buscar na produção bibliográfica, informações sobre a expressão maracatu cearense. No estudo de Silva (2004) encontramos forte material que nos leva a questionar o que é mesmo essa manifestação que nos aparece na prática cotidiana da cidade tão sedutora,

tão perto e atraente ao Fortalezense que o leva a amontoar-se para ficar mais perto e poder observar melhor as performances no carnaval de rua de Fortaleza.

Ao mesmo tempo que ela é sedutora, também amedronta por sua forma de se apresentar. Será por que convoca algo de nossa natureza simbólica, de nosso imaginário sempre ligado a mistérios, tristeza, forças, melancolia, revolta, um grito preso, algo que nos é, mas desconhecemos? Algo que está em nós, mas não chegamos a elaborar? Será por que apesar de tudo que sua forma apresenta: é do *povão*, é de uma estética pouco convencional/vista no cotidiano da Fortaleza branca, ou vem de uma beleza não elaborada ainda em nossas vistas, mas por isso mesmo, é bela, nos seduz, envolve e nos leva a nos mover no seu ritmo lento, na sua postura voltada ao mesmo tempo para a terra e para o céu, mas principalmente para dentro?

Será por que em suas loas/macumbas revelam um mundo encantado, cheio de beleza, luta, fartura, movimento de um povo de longe e ao mesmo tempo de tão perto, que chega a nos levar a questionar se esse povo não nos povoa e nesse momento conseguimos identificar um registro territorializado em nós mesmos? Muitos dos observadores vociferam: que adoram, ficam amedrontados, hipnotizados, são tomados, quando dão por si “estão balançando em sua cadência, sentem medo, prazer, sensualidade, algo mexe por dentro e ferve o rosto, as vezes lágrimas saltam aos olhos e nem se sabe por que.

São muitas as manifestações de quem assiste e de quem brinca, mas o fato é que qualquer que seja a resposta encontrada nas pesquisas, elas não respondem a todas as questões postas aqui e assim a saída foi descobrir nos brincantes de dentro do maracatu as justificativas segundo eles mesmos possíveis, dessa manifestação ser o que é e como é. As respostas para as perguntas postas neste estudo são de natureza da compreensão, do entendimento a partir das subjetivações e daí a opção etnográfica, pois o maracatu que busco descobrir não é apenas aquele que desfila no carnaval, mas aquele que está nas pessoas que o realizam e fazem dele ser o que é, e por elas é justificado como sendo seu.

Nesta possibilidade os lugares podem ser muitos, as diversas ruas de vários bairros simples e periféricos da Cidade como o Mucuripe do Seu Cícero e de sua família, sujeitos desta pesquisa. Pode ser também o Centro na direção da Barra do Ceará, nas vilas de casas simples entre a Rua São Paulo e a Guilherme Rocha, num quarteirão labirinto de Zé Rainha da atualidade, onde ainda povoam memórias de sua majestade, o Zé. Ou ainda o Pirambu excluído do senhor Raimundo Baliza e seus filhos.

São as várias Fortalezas dos brincantes espalhados pelas ruas, com suas histórias que revelam os Maracatus de suas subjetividades.

Cada brincante vive, com sua família, nem sempre a de sangue, mas a de opção pelas sabedorias elaboradas na existência. Todas as identidades e histórias se confluem para um Maracatu, resultado prático de seus feitos do ano inteiro, que existe com/em cada brincante e deságua no desfile vitrine de si e dos outros para favorecer imaginários onde todos que fazemos a cidade estamos contidos.

O Maracatu sugere existir como produto de identidades e expressões múltiplas que habitam em cada brincante. O desfile no Carnaval é o encontro, o ápice do trabalho de vida de cada um, dos muitos bordados, recortes, aplicações nas indumentárias e nas vidas desses sujeitos da tradição maracatu.

Não posso deixar de falar que a tradição tal como expressa no desfile, também revela os entrecruzamentos de muitas existências, que ao som da batida lenta cadenciada, revelam a majestade e a elegância contidas em cada verdade existencial. Estas significam expressar apenas o que se tem e o que se é, como na máxima grega que aponta que o homem nasce para cumprir seu caminho de herói e apenas assim será justo, nobre e belo, buscando sua missão de existir a partir de si mesmo, reconhecendo seus talentos mais inerentes.

## **2. Os brincantes sujeitos desta pesquisa**

Antes de apresentar os brincantes sujeitos desta pesquisa, é necessário explicar o processo de escolhê-los de forma intencional. A ideia foi trazer a fala de sujeitos/brincantes com tempo de vida e experiência na manifestação que pudesse sugerir uma fala “autêntica” da expressão validada pela experiência e envolvimento subjetivo, pela troca nas interações ao longo da vida. Assim, os brincantes deste item, foram indicados por integrantes de maracatus da cidade, não importando qual a agremiação, mas o tempo de vida, o tempo na tradição, o reconhecimento de sua atuação cênica no maracatu, sua importância para a história do maracatu na cidade.

Assim, os aqui entrevistados estão numa faixa etária de mais de 50 anos de idade e com mais de 35 anos envolvidos com a tradição Maracatu, tendo atuado em diversas agremiações em vários “personagens”, com atividade pessoal de reconhecimento pelos demais do grupo, reveladores de sabedoria, desenvoltura por sua representação no grupo de referência, além de reconhecimento no grupo e na comunidade que expressa a tradição como sua marca. Tais critérios, nos indicaram a convidá-los para integrarem os brincantes ouvidos para esta pesquisa.

Eles foram contatados em seu local de ensaio, devidamente autorizados pela agremiação e é claro, por eles. As entrevistas foram agendadas por eles em suas casas, nos seus bairros, da forma como melhor fosse para seu conforto. Foi-lhes assegurado o bem-estar durante a entrevista, só gravou-se o autorizado e de interesse à pesquisa. Como critério ético no processo, lhes foi garantido a inexistência de riscos de qualquer natureza durante a observação e entrevista. A eles foi solicitado um termo de consentimento livre esclarecido para entrevista, colocando-os a par dos objetivos da pesquisa, assim como um termo de cessão de imagem devido ao vídeo e as fotos.

A seguir iniciamos com a apresentação e exploração das entrevistas com os brincantes do maracatu de Fortaleza.

### **2.1 – Seu Cícero – quando eu entro esqueço quem sou.**

Cícero Anastácio entrevistado em 21.01.2011, às 16 horas em sua casa, na Rua São Luis do Curu, no Bairro Mucuripe em Fortaleza-CE. Nasceu em 27 de julho de 1933, na Vila Dom Maurício, em Quixada. Foi Portuário, está aposentado. Participou de vários maracatus de Fortaleza. Começou a desfilar no Maracatu Rancho Alegre em 1964. Portanto 47 anos de vivências na tradição. Desfilou pelo Rei de Paus, Vozes da África, Az de Ouro, Baobá, Rei

dos Palmares. Já fez de tudo no maracatu, já foi Balaieiro, Príncipe, Baiana e hoje integra a Corte do Rei de Paus, sendo uma de suas Princesas. No seu dia-a-dia gosta de costurar e bordar as próprias fantasias e a de seus *indicados* (pessoas que inicia na manifestação). Confessa ter passado por “muita coisa nesta vida”, mas diz que seu esporte preferido é o maracatu onde destaca como importante o aprendizado de vida, o envolvimento de sua família, o reconhecimento do grupo, os aplausos e a confiança nas pessoas.

A seguir ressaltamos aspectos da entrevista de “Seu Cícero” que me encaminham a identificar sua elaboração como brincante, sujeito de sua história que se insere na história do Maracatu da cidade. Ao responder sobre o que sente no corpo ao desfilar no cortejo seu Cícero responde,

Eu sinto tudo de bom, eu sinto que eu não tou só. Tem a pessoa que me acompanha, que está do meu lado, eu sinto tudo isso, pode ser que seja impressão também ou, porque às vezes a pessoa vê coisa sem haver, né? Pode ser meu caso também, mas eu lá, desfilando, sou tudo... [sic]

No desfile ressalta que não se sente só, e conscientemente ao referir-se ao seu movimento ressalta que só tenta passar “*coisa boa*”, gosta muito do aplauso mas se for vaiado sente o mesmo que se for aplaudido, pois aquele momento é único assim, vale a pena ressaltar o positivo.

Seu Cícero não frequentou o maracatu para aprender a dançar, ressalta que sua crença, a umbanda, apresenta elementos semelhantes em movimentos e batidas e no maracatu sente uma energia semelhante que o leva a se conectar com o todo que envolve a manifestação e isso o faz afirmar que sente “tudo de bom, que não está só, mas durante o desfile todo paramentado, desfilando ele afirma “*sou tudo*”.

Sinto alegria. Teria vontade de dançar num canto. Como esse ano, com essa idade eu fiz parte da corte e fui mais forte que muito jovem. É por isso que, eu acho que eu tenho qualquer coisa diferente. Sinto, mas não sei explicar. Mas, é coisa boa, nada de ruim... [sic]

## 2.2 – Zé Rainha – Não deixem o maracatu morrer

José Ferreira de Arruda – O Zé Rainha. Foi entrevistado em 24.01.2011 em sua residência, as 14:00 h. Nasceu em Lavras da Mangabeira. Foi Auxiliar de Enfermagem e Auxiliar de Cozinha, sempre trabalhou. Começou a brincar no carnaval no bloco Meninas da Lua, no ano seguinte, em 1962 iniciou no maracatu Az de Ouro, portanto resguarda em sua história mais de 49 anos de vivência em maracatu. Hoje se identificava como integrante dos dois maracatus: Az de Ouro e Rei de Paus.

Zé Rainha veio para Fortaleza criança. Afirma que sempre gostou de maracatu e que este “entrou na sua vida” de forma muito marcante. Em um dado momento Zé Rainha se coloca como brincante e revela que para sua dança não pensa em nada, que deixa fluir no batuque e aí a *coisa* sai na hora,

Eu não penso, eu não penso, eu faço na hora. É uma coisa que, é feita na hora.....sempre o Zé Rainha, saía em qualquer Maracatu. Ou com ritmo ou sem ritmo. Ao ouvir o maracatu sinto... uma coisa boa no coração, aquela coisa boa no coração. Sinto tudo na minha vida. É tanto que eu só gosto do ritmo do Rei de Paus, porque é o único Maracatu, que está, e o Az de Ouro, às vezes, que tá continuando com aquele ritmo maravilhoso que é o Maracatu. Me sinto bem!!! Me sinto uma maravilha. Eu sinto que eu tou no céu. Tá no céu, é como se eu tivesse no Maracatu.... O movimento da rainha, eu aprendi por si mesmo. Por si mesmo. Prestando atenção, como era que a rainha fazia, como era que levantava os pés, como era tudo, tudo, tudo. Eu ia prestando atenção a rainha mais antiga, que era Zé Braz e ia aprendendo. Pisava como ele. É tanto que o povo me achava....eu tenho as fotos, que parece com ele. [sic].

Na sua mensagem final Zé diz, “Peço só que não deixem o Maracatu morrer.Não deixem!!!!(chora)...[sic]”

Ao término da entrevista com o Zé Rainha, os pensamentos eram muitos. Qual o sentido de se organizar a tradição num cortejo regido por normas, regras, tabus, preconceitos, o que pode o que não pode? Será isso benéfico para a brincadeira? A fala de sua Majestade Zé Rainha nos enche de preocupações. Nela sentimos os efeitos dos apelos contemporâneos na ancestralidade que vem da natureza do brincante, ele sente o tambor e a batida toca seu coração. O desejo é de explodir em sua performance original, de dentro, em sentimento de estar no céu, mas deve controlar os gestos, pois está sendo julgado por sua comunicação, sabe-se lá o que se passa pela crítica ao julgar o que apenas se conhece “de fora”. Logo após o carnaval, sua majestade Zé Rainha nos deixou, foi brilhar em outros blocos, espero que em um céu sem julgamentos de sua performance majestosa. Que um cortejo de anjos de cara preta possam ter saudado o grande Zé....e que suas dores estejam amenizadas.

### **2.3 – Raimundo Baliza – Quero passar a baliza para o meu caçula**

Raimundo Soares Braga – o Raimundo Baliza – Entrevistado em 25. 01.2011 em sua casa. Nasceu em 03.02.1955 em Fortaleza/CE. É Ferreiro e Armador, iniciou sua formação de brincante aos 9 anos de idade no Leão Coroado. Brincou Bumba –meu- boi, Dança Gafieira e adora forró, só no Rei de Paus tem 41 anos de brincadeira.

Se eu brincar esse ano, e não acontecer nada comigo, vou completar 41 anos. Comecei em 70 no Rei de Paus. Eu procurei muito, batalhei e achei onde era, onde ensaiava, que realmente era no Passeio Público, foi o primeiro ensaio. Eu era tão brabo quando vivia no mar, eu pescava. Eu não conhecia o que era um Passeio Público, mode eu achar foi muito difícil. Mas achei e o primeiro ensaio foi lá...Eu pesquei e botei jangada. Aí foi que veio a profissão de negócio de construção. Eu viajei muito aí aprendi a profissão de ferreiro. [sic]

Seu Raimundo Baliza iniciou na brincadeira observando o corso no ombro da mãe. Observava os maracatus e sua mãe desejava ver o filho, um dia como figurante no desfile. O desejo da mãe perseguiu o filho e este resolveu ser brincante.

O Baliza, Raimundo, nos dá um banho sobre ser e elaborar-se brincante. Sua fala revela o desejo da mãe assimilado pela criança e realizado no hoje do brincante “baliza”. Um dia a mãe disse “um dia quero ver o meu filho como um desses aí”....e a vontade se fez... muito mais pela realização que o menino hoje homem sente em ser o que é, o Baliza nota 10, que aprendeu desde menino nos ensinamento dos mais velhos da família comunal, comadres e compadres, mestres falecidos e vivos que o acompanham em seus arrepios de emoção, de ancestralidade reconhecida e assumida, pela presença dos mortos e vivos na sua entrada encantadora no cortejo cheio de memórias presentes e passadas, deixando fluir muito mais sua brincadeira cambaleante, sem se importar muito com os apelos impostos pelo julgamento da crítica. Jeito e fala de um Brincante comprometido com seus sentimentos revelados em sua expressão nota 10, pelo povo, por ele e pelos seus, é o que o grande baliza faz em seu desfile majestoso, contorcido, gracioso, por dentro e por fora.

### **3. O “elaborar-se” brincante de Maracatu em Fortaleza/Ceará**

Neste item, busca-se entender como se elabora o brincante de maracatu a partir de relatos de duas expectativas de experiência: a de um brincante que se tornou *maracatuzeiro* (*refere-se a alguém que dirige um maracatu*) e de um observador que aprofundou estudos e se tornou pesquisador de temas da afrobrasilidade.

Ambos apontam para a diversidade do maracatu cearense, frente os apelos do que a contemporaneidade sugere, mas sem nunca perder de vista que a tradição arrasta, pois ela está contida num lugar que não é delimitado, segundo dizia o Mestre Juca do Balaio, segundo Paulo Tadeu neste estudo, “ *não se preocupe, quando o bumbo toca o povo vai aparecendo*”!!!Revelando que o som do tambor faz tocar o coração e convoca o que está dentro para o dançar cadente, sentido, despertando uma ancestralidade que liga, que está dentro, e apenas o som do tambor liberta e arrasta um cortejo de beleza e cadência.

#### **3.1 – O maracatuzeiro Francisco José Barbosa da Silva (O Bebeto) –**

Francisco José Barbosa da Silva, é brincante desde os 7 anos de idade e é o atual presidente do Maracatu Rei de Paus. Filho de Geraldo Barbosa, que no início não gostava de maracatu, mas foi arrastado pela tradição e de Dona Nazira, a grande mãe da família comunal do Rei de Paus. Ele nasceu dentro do Maracatu. A pergunta inicial para o “Bebeto” foi como ele se tornou um Maracatuzeiro?

(risos) Para mim, é uma grande honra, é um prazer, porque na minha vida, desde criança, eu via na minha casa, lá na Gonçalves Ledo, porque o Maracatu, ele começou aqui na Padre Antonino, mas quando o meu pai casou com minha mãe, ele foi morar na Rua Gonçalves Ledo, e o Maracatu se transferiu pra lá. Então todos os dias da minha vida eu via, eu aprendi, convivendo diariamente com o Maracatu, e hoje eu sou o presidente, sou um maracatuzeiro, tenho o conhecimento que adquiri de meu pai e com muitas

outras pessoas também que contribuíram para o Maracatu Rei de Paus, e hoje eu tenho a preocupação, a função e a responsabilidade de perpetuar esse Maracatu e a nossa cultura. Sempre, a gente via, quando os mais adultos estavam fazendo, ensaiando, a gente criança, a gente começava a observar aqueles movimentos, as macumbas que eram cantadas e as pessoas, os relacionamentos. E, isso eu fui adquirindo, a convivência também, no meio quando criança e passei isso para os meus amigos de infância..... Então, esses conhecimentos, de ser maracatuzeiro, aprendidos, na vivência, do dia a dia, a gente aprendendo a colocar um coro no tambor, fazer a tinta do Maracatu, a desenhar uma fantasia de índio, a compor uma macumba de Maracatu, tudo eu aprendi com o meu pai e com aquelas pessoas que colaboravam com ele, como o finado José Rebouças, né ? Chico Ariacó, Sebastião, finado José Braz, essas pessoas, que contribuíram para o meu conhecimento sobre Maracatu. E, tendo a orientação de meu pai, o seu Geraldo Barbosa da Silva, que ele sempre dizia: “Meu filho o caminho é por aqui. Se você quer ter uma organização e dar continuidade a isso aqui”, ele sempre dizia: “Maracatu, é difícil”, mas nós conseguimos atrelar a família e o Maracatu e fazer da nossa família, né? Uma extensão para o Maracatu e o Maracatu para a nossa família.

Na fala do “Bebeto” está contida o que faz uma comunidade ser “Maracatu”, a família comunal que cuida de todos, ensina os rumos, mostra o porquê do valor de ser o que é e sentir-se integrado, integrando-se, aprendendo, desde o confeccionar instrumentos, a pesquisar loas. Bebeto, revela o crescer na família maracatu, aprender desde pequeno detalhes que interferem na performance, reconhecer talentos natos, desenvolver habilidades, reconhecer a ancestralidade que une e o critério externo que diminui pois interfere negativamente na brincadeira.

### **Encaminhamentos sobre os Relatos/Discursos**

Diante das perspectivas postas para este estudo e frente os processos vivenciados entre observações de brincantes, suas falas, a visitação a seus locais de ensaio e seus lugares de existência muito tenho a considerar. No entanto, antes de qualquer coisa, pauto-me no objetivo maior do trabalho que é situar o corpo brincante do maracatu entre os pertencimentos ancestrais e os apelos da contemporaneidade.

Segundo os brincantes, sujeitos entrevistados para esta investigação a brincadeira é sua vida. Está marcada em seus corpos como expressão de si, reflexo do papel que representam na comunidade maracatu da qual se integram e se sentem pertencente. Fazem parte e representam um clã, por ela é reconhecido e respeitado.

Buscam deixar a herança da tradição para os seus entes queridos, como por exemplo, filhos naturais ou filhos escolhidos, ou enviados por “Deus” para ajudar-lhes em sua missão de vida. A ancestralidade refere-se a algo que se sente expresso como emoções que vinculados a uma dimensão sagrada, manifestam-se a partir do rufar das instrumentações e despertam em si nomeados como “espíritos”, “guias”, “energias”, expressos em arpejos, sentimentos bem



subjetivos que os fazem fluir, num cortejo de beleza, molejo, ginga, sensualidade, nobreza e fazem surgir a tradição, cada vez mais viva em si e fora de si, no grupo, com os demais, numa comunhão que expressa o seu clã de pertencimento.

Nos apelos da ancestralidade estão registrados nos discursos aqui transcritos, os limites postos pela espetacularização descomprometida, focada no teatro ensaiado fora da dimensão ancestral. Nessa possibilidade, o toque é apenas uma batida instrumental que na verdade não toca nada, mas apenas o que está fora do sentimento e registrado numa pauta instituída. São regras de fora para dentro que minimizam o que de verdade dá sentido à manifestação.

Na perspectiva do brincante, brincar maracatu, significa expressar-se com o corpo total que é um todo e nele contém alma, músculo, histórias, sentimentos e sentidos expressos em movimento. Quando isso não acontece e seguem-se regras e maneios de fora para dentro, o maracatu é uma encenação alienada, o maracatu deixa de existir em sua originalidade brincante e “morre” e aqui remeto-me ao apelo de sua Majestade Zé Rainha quando com a voz embargada bradou, “não deixem o maracatu, morrer”.

Assim, que se faça a vontade de sua majestade. Viva as nações, viva as comunidades afro-caboclas do Ceará e suas nações de magia, de encanto que cultuam a beleza da raça o ano todo e possuem o carnaval apenas como uma vitrine para falarem de si para o mundo. Na realidade, o maracatu acontece o ano todo, todos os dias, todos os momentos nas comunidades das quais são expressões.

## **Considerações finais**

Na investigação podemos localizar dois tipos de integrantes nos maracatus na possibilidade de expressão na cidade de Fortaleza. Um está presente nos maracatus de tradição, membros das famílias comunais, que perseguem o respeito pela tradição, e buscam seu reconhecimento do maracatu como expressão das crenças, identidades, sotaques, pertencimentos, ancestralidades, história de si e da cidade, emudecidas em processos de repressão, esses são os que expressam-se como brincantes elaborados na tradição e carregam em si um amor e um orgulho em tal condição.

Outro, advém da expressão dança encenação, na qual uns pretensos conhecedores do cortejo dirigem uma coreografia, uma performance maracatulesca, uma imitação dos gestos. Estes copiam ou criam indumentárias, juntam pessoas daqui e dali e fazem desfilar um cortejo de fantasiados de maracatu, sem uma essencialidade natural. Este representa ser um processo no qual a manifestação se volta para um evento organizado para um carnaval instituído, para os olhos de uma arquibancada/plateia de curiosos, funciona como reforço da alienação. No entanto está amparada nas possibilidades do carnaval organizado pelos organismos disciplinadores das verbas, tempos, movimentos que afetam a gestão pública das festas populares e que definem para as tradições os tempos cronometrados.

Nesta segunda possibilidade, a ancestralidade é menos percebida pois ela não significa elo, afinal para se realizar um desfile de fantasia num cortejo, não se necessita muito. No entanto, para o brincante de maracatu, sem o elo que (re)liga o sujeito brincante a si mesmo e a

seus pertencimentos, que os leva a saber de si e da expressão, esse sentimento demonstra o que significa ser um sujeito para além da brincadeira, para além do cortejo, para além dos apelos. Significa ser sujeitos conscientes de seu lugar no mundo, de seu lugar de brincante e cidadão atuante em prol de uma causa de liberdade de expressão subjetiva.

## **Referências**

AGUIRRE, Angel, 1995. *Etnografía: Metodología Cualitativa em la Investigación Sociocultural*. Editorial Boixareu Universitaria, Marcombo. Barcelona, Espana.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. *O que é Lazer*. São Paulo, Brsiliense, 1989.

DEJOURS. C.. *A loucura no trabalho: Estudo de trabalho*. 5. ed. Ampliada: Cortez, 1992.

DE MASI, D. *Criatividade e Grupos Criativos*. Tradução Lea Manzi e Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

\_\_\_\_\_. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEWEY, J. *La ciencia de la educacion*. 6. ed. Buenos Aires: Losada, 1968.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. Tradução de Maria de Lourdes S. Machado. São Paulo: Perspectiva. 1973.

\_\_\_\_\_. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. Tradução de Regina Maria Vieira. São Paulo: SESC, 1980.

LEFÈVRE, FERNANDO & LEFÈVRE, A. M. C. (2005) *O discurso do sujeito coletivo- Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramento)*. 2a. Ed. Caxias do Sul: Educs.

MARTINS, J. C. O. *La cultura ritual festiva en el marco laboral del nordeste brasileño: el caso de los conductores de autobuses de Fortaleza*. Tese doctoral. Universitat de Barcelona. 2001

MASLOW, A. H. *Maslow no gerenciamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

MINAYO, M. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3a ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

SCHEIN. E. H. *La Cultura Empresarial e o Liderazgo, Una visión Dinámica*. Plaza & Janes Editores: Barcelona, 1988

## **Fontes Orais/Entrevistas**

Cícero Anastácio (2011) – brincante de maracatu

Francisco José Barbosa da Silva (2011) – brincante/macaratuzeiro- presidente do maracatu Reis de Paus

José Arruda Ferreira (2011) – Zé Rainha – brincante do maracatu

Paulo Tadeu Sampaio (2011) – jornalista/ator e pesquisador do maracatu

Raimundo Baliza (2011) – brincante de maracatu

Raimundo Oswald Cavalcante Barroso (2011) – pesquisador ator/brincante